

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8 81

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

Gleíza Guerra de Assis Braga
Antonio Nilson Gomes Moreira
Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1311819129

CAPÍTULO 9 94

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

Erica de Oliveira Gonçalves
Marinês Verônica Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.13118191210

CAPÍTULO 10 104

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

Thais Stefani Donato Lima
Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.13118191211

CAPÍTULO 11 121

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

Irani Campos Marchiori
Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

DOI 10.22533/at.ed.13118191212

CAPÍTULO 12 131

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
José Aluísio Vieira
Mirian Nere
Rodrigo Leite da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191213

CAPÍTULO 13 135

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez
Ariana Dias Machado Tavares Alves
Suellen Contri Mazzo
Vanessa Pires Rocha Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.13118191214

CAPÍTULO 14 145

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Veruska Ribeiro Machado
Rosa Amélia Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191215

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23	249
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191224	
CAPÍTULO 24	259
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191225	
CAPÍTULO 25	273
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191226	
CAPÍTULO 26	277
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191227	
CAPÍTULO 27	286
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191228	
CAPÍTULO 28	295
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191229	
CAPÍTULO 29	303
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191230	

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁTICA DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Paulo Ivo Silva de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Programa de Pós-graduação em Ecologia
Natal – Rio Grande do Norte

Maria Luisa Quinino de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento
e Meio Ambiente
Natal – Rio Grande do Norte

Leandro dos Santos

Universidade Federal de Rondônia, Programa de
Pós-graduação em Educação
Porto Velho – Rondônia

RESUMO: A educação ambiental (EA) propõe abordar diferentes questões relacionadas à temática ambiental, no entanto, existe grande falta de incentivo aos profissionais e a aplicação pelas instituições de ensino. A cultura e a formação social moral e ética dos indivíduos, podem ser fatores importantes para o trabalho com EA, mas pouco são trabalhados interdisciplinarmente com a temática ambiental. Este trabalho buscou levantar concepções sobre a temática ambiental e sensibilizar alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental a respeito de tais fatores como chave para condutas socioambientais equilibradas em prol de uma sociedade mais cooperativa, e pela preservação do meio ambiente. Assim, fez-se uma abordagem em três dias de

aula com uso de slides, vídeos, músicas e dinâmicas em uma escola pública estadual em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Como resultados, percebeu-se grande compreensão e assimilação de conteúdos por parte dos alunos, os quais foram bastante interativos e participativos nas atividades propostas, resultando em interpretações significativas quanto a sensibilização proposta sobre condutas socioambientais. Acreditamos que trabalhar tais fatores para a sensibilização dos alunos para uma EA sustentável seja uma ideia válida à construção da autonomia e conscientização socioambiental dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, formação social moral e ética, interdisciplinaridade, meio ambiente, condutas socioambientais equilibradas.

ABSTRACT: Environmental education (EA) aims to address different issues related to environmental issues, however, there is a great lack of incentive to professionals and the application by educational institutions. The culture and the moral social formation and ethic of the individuals may be important factors for the work with EA, but only a few are worked interdisciplinarily with the environmental theme. This work raised conceptions about the environmental theme and sensitized 4th and 5th grade elementary school students regarding

such factors as a key to balanced socio-environmental behaviors in favor of a more cooperative society, and the preservation of the environment. Thus, a three-day classroom approach was used with the use of slides, videos, music and dynamics in a state public school in Natal, capital of Rio Grande do Norte. As a result, a great understanding and assimilation of content was perceived Of the students, who were very interactive and participative in the proposed activities, resulting in significant interpretations regarding the proposed sensitization on social and environmental behaviors. We believe that working on such factors to sensitize students to an EA is a valid idea for the construction of students' autonomy and socio-environmental awareness.

KEYWORDS: Culture, moral and ethic social formation, interdisciplinarity, environment, balanced sócio-environmental behaviors.

1 | INTRODUÇÃO

Falar sobre meio ambiente em sala de aula parece ser algo comum e de fácil comunicação. Todavia, na prática, observa-se que o público é heterogêneo, apresentando concepções distintas, formadas diante de vários contextos socioculturais. Além deste aspecto heterogêneo, existem entraves no processo de ensino e de aprendizagem que acabam por limitar, muitas vezes, a inovação metodológica por parte dos professores, que podem estar relacionados com a falta de tempo, a demanda da escola ou até mesmo a falta de formação continuada dos docentes. Drouet (2006) considera que é necessário que os profissionais sejam desafiados, mobilizados e sensibilizados a perceberem suas limitações e expressarem suas dúvidas, relacionando os conteúdos de ensino à prática social para que eles possam superar as dificuldades.

A educação ambiental (EA) apresenta-se como proposta para tratar das temáticas relacionadas ao meio ambiente, e ao contexto social e econômico que nela se insere. No Brasil, tem-se a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), os quais sugerem desenvolvimento de trabalhos de EA em uma perspectiva crítica e popular (Sorrentino, Mendonça e Ferraro-Júnior, 2005). O tema transversal “Meio Ambiente” presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) conversam diretamente com a EA, traçando diretrizes e sugerindo formas de abordar questões relacionadas a essa temática.

A EA acaba por não ser muito disseminada na formação dos profissionais, mas, apesar de tudo, o que se observa é que não há um incentivo real para sua prática. O professor atua como o responsável pela sua execução e este a faz a partir de seus conhecimentos, de suas representações e de suas intencionalidades quanto às problemáticas ambientais (Torales, 2013). Assim, esse professor é colocado diante das exigências do avanço da educação ambiental na educação básica, respondendo com dificuldade e não havendo um suporte necessário pelos cursos de licenciatura

(Teixeira e Torales, 2014).

Nas salas de aula, nos variados níveis de ensino, alguns professores ainda atuam com algumas atividades lúdicas, resgatando uma mínima apresentação aos educandos do que seria um pensamento ecológico e consciente. Contudo, acreditamos que ela não deveria ser vista apenas como tal, como uma prática de plantio de mudas ou o ato de dispor os resíduos adequadamente em lixeiras, mas sim, deveria, sobretudo, partir de uma concepção de formação moral e ética, de condutas aceitáveis nas relações interpessoais e com o ambiente socioambiental, para de fato obter-se a conquista do pensamento sustentável. Como temos concepções culturais diferentes e que variam de indivíduo para indivíduo conforme suas vivências e formações (educacionais, familiares, entre outras), a integração dos conhecimentos de cada um com as de um modo de agir equilibrado, deveriam ser pensados e trabalhados interdisciplinarmente nas salas de aula; e na vida.

A EA, sobretudo, está relacionada com a educação para a cidadania que representa a possibilidade de formar cidadãos conscientes que consigam tomar decisões acertadas pautadas na sustentabilidade. Além disso, a EA abre espaço para repensar práticas sociais e o papel dos professores como mediadores e transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos entendam o meio ambiente global e local (Jacobi, 2003). Lançar o olhar em direção ao reconhecimento das diferenças e dos vários aspectos das desigualdades (sociais, raciais, econômicas, culturais etc.) leva-nos a rever determinados valores morais e sociais que foram sedimentados e aprendidos no âmbito da cultura. A diversidade cultural como princípio educativo extrapola a noção de identidade nacional e se concretiza por meio das experiências e vivências sociais e culturais que envolvem os indivíduos na sociedade.

Diante dos pontos de vista expostos acima, se desenham os objetivos deste trabalho que visaram levantar qualitativamente concepções sobre a temática ambiental e sensibilizar os alunos com um olhar voltado à formação do ser em seu comportamento para com as exigências do mundo, discernindo o que é aceitável ou não nas práticas ambientais ou relações com o meio, perante relato de experiência ocorrido com uma turma de 4º e com uma do 5º ano do Ensino Fundamental.

2 | DESENVOLVIMENTO

Este trabalho foi fruto de uma intervenção sócio escolar durante a construção de um trabalho de conclusão de curso, em uma escola pública situada na Zona Norte de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. A escola em questão possui Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB – disponível em < <http://ideb.inep.gov.br>>) para o Ensino Fundamental Anos Iniciais (dados de 2015) correspondente a 3.8, sendo inferior à média municipal (4.5), estadual (4.5) e nacional (5.5) para a rede estadual de ensino. A intervenção foi realizada em duas turmas, uma de 4º ano e

outra de 5º, em três dias de atividades. Para ambas as turmas, as mesmas atividades foram realizadas e a cada dia de aula fez-se uma retrospectiva dos conteúdos e metodologias abordadas anteriormente para a fixação das informações. Os passos foram os seguintes:

1- No primeiro dia foi exibida uma sequência de imagens artísticas relacionadas ao cotidiano, ao abstrato, ao meio ambiente e a sustentabilidade de uma maneira geral (pinturas, esculturas, escritas, fotografias e desenhos). Essas foram postas em ordem cronológica, das mais antigas até as mais atuais, com o intuito de mostrar aos alunos como os diversos artistas percebem a natureza ao longo do tempo e despertar nestes a curiosidade, através da sensibilização e humanização, e a interpretação de situações cotidianas. Assim, as imagens artísticas mais recentes tiveram a ideia de mudar o foco dos alunos do que é visto como comum para a nossa realidade, como fotografias de catástrofes naturais e de má disposição de resíduos em ambientes. A cada imagem passada abria-se pequena discussão para que eles falassem sua interpretação.

2- Com a finalidade de explicar que a sustentabilidade é um conceito bem mais amplo que apenas meio ambiente, após um pequeno intervalo, apresentou-se e comentou-se sobre o vídeo “A História das Coisas (Dublado)” que trata das três esferas da sustentabilidade em uma perspectiva americana de consumo, exaltando a exploração de recursos naturais – produção – distribuição – consumo - descarte pelo homem, na chamada obsolescência programada. Esse vídeo, embora de difícil assimilação para turmas desse nível 4º e o 5º ano, foi passado com pausas, havendo discussão e simplificação sobre as ideias abordadas. Seguinte a este vídeo foi passado o “For The Birds”, o qual visou focar no aspecto da convivência, que engloba as relações interpessoais e suas dificuldades cotidianas. Nesse momento foi-se explicado aos alunos o que seria ética, moral e como as culturas variam. O vídeo foi de grande interesse e discussão, onde cada educando quis expor sobre suas experiências interpessoais, tendo estes demonstrado grande compreensão sobre a importância de se colocarem no lugar do outro, de que existem diferenças e de terem educação, numa interpretação filosófica de como se deve agir perante uma determinada situação cotidiana; havendo também um debate bem interativo e a compreensão de que a sustentabilidade atravessa inclusive a cultura, a qual varia de local para local, de interpretação para interpretação.

3- No segundo dia de regência, trabalhou-se a temática da escassez de água e a preservação do meio ambiente por meio do vídeo “Carta Agroecológica”, seguida da música do cantor Guilherme Arantes “Planeta Água”. A “Carta” fictícia é abordada de uma forma trágica, onde um sujeito de trinta e poucos anos que aparenta ser bastante velho, relata, no ano de 2070, que já não há mais água disponível para as comunidades no mundo, em função da poluição e destruição do meio ambiente provocado pelo Homem. O triste relato busca abordar das enormes dificuldades de sobrevivência que existirão na Terra caso, desde já, o Homem não mude sua rotina

de destruição e poluição ambiental, e busque uma educação que preserve o meio ambiente. Esse vídeo foi bastante polêmico para os alunos, abrindo grande discussão e interpretações. Fez-se distribuição da letra da música impressa, leitura verso por verso e discussão sobre a mensagem da música e do vídeo.

4- No terceiro e último dia trabalhou-se a música “Xixi nas Estrelas”, também do cantor Guilherme Arantes, com solicitação de confecção e exposição de desenho e/ou texto sobre o que haviam entendido da canção. A música retrata, de uma forma metafórica, que não podemos permitir que as pessoas continuem destruindo o meio ambiente, que devemos ter a iniciativa de proteger o que é nosso e de outros inúmeros organismos. Da mesma forma que no dia anterior, distribui-se a letra da música, e uma prévia leitura verso por verso. Feito isso, pediu-se aos alunos que fechassem os olhos e imaginassem qual o provável significado que a música retrata e que estes desenhassem e/ou escrevessem aquilo que compreenderam. Cada aluno expôs uma apresentação de sua interpretação para a turma. A maioria dos desenhos do 5º ano retratou a bandeira dos Estados Unidos (ou a do Brasil substituindo-a) como “dominadora” de uma estrela ou da lua e algum indivíduo fazendo xixi no corpo celeste. Outros desenharam cenas de briga ou guerra com espadas, raquetes ou revólveres. Disseram que “os homens pássaro” eram invasores vindos da Terra e que iam fazer xixi para dominarem o corpo celeste; sendo os EUA a origem destes. Diferentemente do 5º ano, o 4º ano desenhou, em sua maioria, uma flor feliz simbolizando a lua. Poucos colocaram o “xixi” e alguns inseriram árvores no corpo celeste. De modo geral, podemos deduzir a compreensão de ambas as turmas ao inferirem as estrelas como o planeta Terra que precisa de preservação; e uma percepção de que nossas ações, se impensadas e egoístas, podem prejudicar o outro.

5- Após o intervalo, duas brincadeiras dinâmicas foram praticadas com o intuito de aplicar o conceito de cooperação. As brincadeiras, uma que envolvia a união de um ou mais integrantes por algemas de barbante, passando o braço por debaixo do de um colega de forma a ficarem presos, e outra a qual eles teriam que se enlinhar de mãos dadas e depois se desalinham sem soltar as mãos, foram feitas através da formação de cinco grupos com o total de alunos de cada sala. Para ambas as brincadeiras se mediou o entrelaçamento dos componentes. Na primeira brincadeira eles deveriam sair sem perderem a algaema de barbante, e a de mãos dadas eles deveriam se “desenrolar” sem soltar as mãos formando um círculo inicial ao mediado no início da brincadeira. As dinâmicas foram bem aceitas, tendo os alunos demonstrado compreensão de seu intuito. Por fim, passou-se um rápido vídeo sobre conscientização com mensagens reflexivas seguido de discussão, como finalização. Observa-se que os vídeos (encontrados em www.youtube.com) foram escolhidos por apresentarem uma grande quantidade de informações capazes de serem transpassadas de uma forma rápida e inteligente, tendo em vista o curto período disponível para a intervenção.

No total, 36 discentes do 5º ano e 32 do 4º ano, participaram das atividades. Ambas turmas eram compostas em sua maioria por meninos, e mais de 50% de ambas

as turmas apresentavam dificuldades com leitura e escrita. As idades variaram entre 9-15 anos e 9-14 anos, respectivamente.

De um modo geral, ambas as turmas gostaram das aulas, tendo o 4º ano relatado que suas aulas eram muito metódicas, pouco ilustrativas e cansativas. O “For the Birds” e a “Carta Agroecológica” foram as atividades mais chamativas e discutidas, sendo a primeira pelo humor e lição de moral e a segunda pelo rancor, onde muitos desenharam pessoas em uma situação de antes e depois, variando de tristeza, com lágrimas escorrendo pelos olhos, a pessoas felizes e novamente com cabelo, pois em um trecho da ficção relata-se que pela falta de água, as pessoas precisam raspar seus cabelos e limpá-los com azeite. Isso mostrou uma renovação ambiental e um sentimento de preocupação ambiental e esperança de um futuro melhor, conforme descrição (com correção ortográfica) de uma narrativa criada pela aluna Maria do 4º ano (Figura 1):

Era uma vez: havia uma fonte e a rosa ela era linda e um dia essa rosa foi levada pela fonte e ela chorou até que ela foi jogada no campo; e foi andando pelas árvores, andando feliz da vida. Águas da fonte era linda. Achou seu príncipe e viveu feliz para sempre.

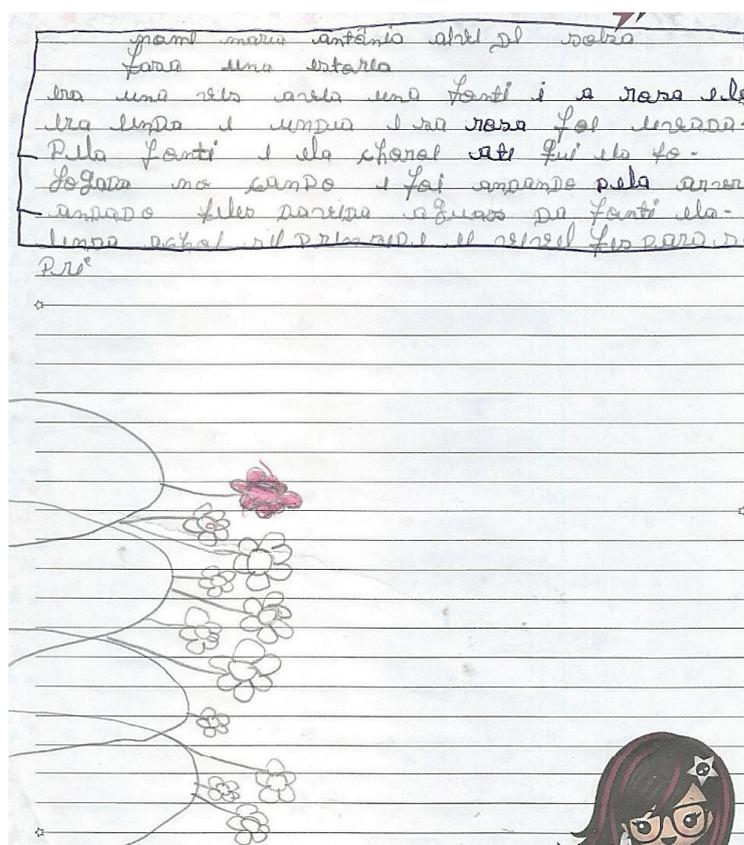


Figura 1. Interpretação gráfica e textual da aluna “Maria” após assistir ao vídeo “Carta Agroecológica”.

As formas de interpretação, discussão e exemplificação com fatos fictícios e da vida real, mostram como ocorreram a associação de conceitos e aprendizagem por parte dos alunos. As retrospectivas antes do início de cada nova aula reforçaram a

memória dos estudantes, favorecendo uma melhor compreensão e prosseguimento das informações que foram transmitidas, assimiladas e provavelmente acomodadas e equilibradas pelos alunos (Piaget, 2013). Segundo as professoras, cerca de duas semanas depois, os alunos ainda falavam sobre as mesmas aulas e assuntos, o que podemos inferir como tendo sido uma aprendizagem significativa.

Huizinga (2000) conceitua lúdico como sendo uma atividade livre, desritmada ao cotidiano, e que ao mesmo tempo seja capaz de envolver o participante de uma forma intensa e global. Assim, essa atividade desliga-se da materialidade e passa a ser praticada dentro dos limites sociais e temporais apropriados para cada participante, conforme suas regras e interpretações próprias. Ou seja, os envolvidos de uma atividade lúdica passam a terem um olhar crítico e consciente diferente do que a sua rotina oferece, havendo um lucro de aprendizagem.

Desse modo, a construção e exercício de atividades lúdicas como as realizadas nesta intervenção, reforçam a necessidade da interdisciplinaridade e da prática de conhecimentos prévios com os conhecimentos aplicados aos estudantes. As brincadeiras traduzem valores, costumes, formas de pensamento e ensinamentos, fazendo parte do patrimônio lúdico cultural (Friedmann *et al.*, 1992). Em jogos infantis, assim como ocorre em uma atividade artística, a criança cria para si o mundo de uma forma contrária para melhor compreendê-la (Vygotsky, 1999). A ludicidade vai além e envolve-se com a educação artística, amplificando e sensibilizando a visão das pessoas, como pode-se observar nesta intervenção aos alunos sensibilizarem-se e passarem a discutir com um olhar crítico diante das imagens apresentadas na aula. De tal forma, para Schlichta (2009, p.19),

ver é conhecer e distinguir em termos de cor, matizes, luzes e diferenciar claro e escuro, mas é também perceber posição, orientação, dimensão, isto é, avaliar os tamanhos, as distâncias, tomar consciência dos ritmos da natureza e dos criados pelo homem, das proporções e distorções.

Desse modo, é necessário a educação dos sentidos para enxergarmos além do que nos é estereotipado na vida social, desde o que provém da nossa família até o que as demais relações interpessoais nos oferecem, sendo conscientes do espaço e tempo das relações sociais. Acrescentamos também que tal educação proporcionará um olhar sensibilizado para com os demais organismos e com o meio ambiente, possibilitando a visão da ecologia a nossa volta.

A definição da educação ambiental é dada no artigo 1º da Lei nº 9.795/99 como:

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Sendo, portanto, uma disciplina educacional fundamental que deveria ser aplicada em todas as instituições de ensino, não importando o nível educacional. Ademais, as

instituições de ensino têm como uma de suas tarefas essenciais a produção sistemática de conhecimento, trabalhando criticamente a clareza e a acessibilidade dos fatos (Freire, 2014). Quanto a educação infantil e ao ensino fundamental, Lipai, Layrargues e Pedro (2007, p. 30), consideram que “é importante enfatizar a sensibilização com a percepção, interação, cuidado e respeito das crianças para com a natureza e cultura destacando a diversidade dessa relação”. Os especialistas que trabalham com EA, fazem isso sob vários ângulos diferentes, já que a EA apresenta várias tendências, desde aquela que só trabalha a questão ecológica, até outras que a ultrapassam, por acreditarem que as questões ambientais estão inter-relacionadas com outras dimensões mais amplas como a econômica e a social (como a sustentabilidade).

Entendemos que para atingir uma educação ambiental equilibrada, faz-se necessário planejar uma base educativa bem feita; no mínimo, conhecer dos educandos como é o seu cotidiano e buscar trabalhar a temática ambiental de forma interdisciplinar com outras temáticas, sensibilizando e integrando também o sujeito e os seus conhecimentos prévios. Assim, conforme Coimbra (2005), a interdisciplinaridade é constituída quando cada profissional realiza uma leitura do ambiente em conjuntura com a sua especialidade, esclarecendo a realidade e combinando-se com os seus pares. Essa leitura colabora com a interação das pessoas, de diferentes áreas e disciplinas, promovendo um conhecimento mais amplo e integrado. Essa união de conhecimentos, assim, permite que seja elaborado um outro saber, que busca a compreensão integral do ambiente.

Para tal feito, nos baseamos em diferenciar o sentido de moral do de ética, incorporando um significado para as atitudes globais dos educandos, fazendo com que estes pensassem e pudessem discernir por interpretação própria o que seria mais adequado como conduta socioambiental. Esse discernimento foi amplamente debatido e questionado pelos próprios alunos, principalmente após o vídeo “For the Birds”, da música “Xixi nas Estrelas” e das brincadeiras de cooperação, que passaram a compreender melhor as ideias de sustentabilidade, meio ambiente, família, educação, moral, ética e cooperação, por exemplo.

Para La Taille (2006), a interpretação mais utilizada para diferenciar o significado de moral do de ética, é compreender que o sentido de moral deve ser reservado para o contexto social e o de ética para a reflexão filosófica ou científica sobre a moral. Tendo em vista que diferentes comunidades humanas regem regras que divergem umas das outras em diferentes aspectos, faz-se necessário o pensamento de como se deve agir, o qual o autor aponta que deve ser entendido no sentido de obrigatoriedade, e não no sentido probabilidade; contudo, a obrigatoriedade aqui deve ser interpretada como um valor incorporado ao comportamento do indivíduo, que compreende a necessidade de um dever e o executa, sem sentir-se obrigado. E isso pode ser visto como um meio de reflexão dos alunos, durante as atividades, sobre suas experiências de vida com familiares e conhecidos, entendendo que o dever de respeitar deve ser inato no indivíduo, perante julgamento de valores e ações.

Maturana (2002, p. 70), cita que “o poder não é algo que um ou outro tem, é uma relação na qual se concede algo a alguém através da obediência, e a obediência se constitui quando alguém faz algo que não quer fazer cumprindo uma ordem”. Desse modo, enquanto atividades de educação (e conduta) ambiental forem feitos de modo obrigatório ou isolado de sua importância e de outros conhecimentos, a menos que por interpretação própria haja significação para um indivíduo participante, as informações transmitidas durante tais atividades não se consolidarão em conhecimentos e comportamentos conscientes e sustentáveis. Assim, embora existam concepções diferentes de comportamento em detrimento da cultura local, agregar um significado para uma conduta equilibrada com o meio ambiente, parece-nos ser o ponto-chave a que a formação dos educandos deveria partir. Em complemento, a questão cultural que molda o comportamento das pessoas, varia de ambiente para ambiente, de acordo com os costumes, crenças, a educação moral familiar e escolar, afetando o nível de conhecimento científico-ambiental de cada indivíduo. O comportamento de cada indivíduo depende de um aprendizado (Gomes, 2007; Laraia, 2009), de um processo chamado endoculturação. A questão cultural que molda o comportamento das pessoas, varia de ambiente para ambiente, de acordo com os costumes, crenças, a educação moral familiar e escolar, afetando o nível de conhecimento científico-ambiental de cada indivíduo. Não existe um determinismo genético ou geográfico que instrua uma forma de agir, o comportamento varia de acordo com o ambiente social, com a forma como os indivíduos concebem o mundo e englobam isso para as suas vidas. Mesmo um ambiente hostil pode apresentar uma cultura que se assemelhe a um ambiente menos extremo (Laraia, 2009). E sendo a cultura aprendida, ela não é inflexível, são os indivíduos que a constroem e realizam percursos de aprendizagem na cultura de seu grupo. Se um sujeito não cresce em contato com quaisquer culturas humanas, sozinho não será capaz de reinventar a cultura de seu grupo e de sua própria (Gomes, 2007).

O conceito do que é cultura também pode variar em dois adjetivos, conforme La Taille (2009). Como “culto”, a cultura é atribuída a um julgamento de valor, especialmente a pessoas, onde aquele que é considerado culto é aquele que possui cultura, e a cultura a qual afirma isso passou por uma “hierarquia de valores” (p. 40), ou seja, dentro de uma determinada cultura existe um critério para determinar aquele que tem conhecimento. Já como “cultura”, existe a interpretação de que o termo corresponde a tudo o que determinada sociedade criou, não havendo uma hierarquia. Sendo algo cultural, por justamente haver essa abrangência, direcionada a aplicação de obras e ações, “o que importa é o fato, não o valor” (p. 41). Desse modo, partir para um conhecimento do que os alunos sabem e agem, é uma estratégia importante para o transpasse de informações que articulem boas condutas sociais e ambientais. Tais informações serão melhor assimiladas pelos educandos por serem mais comuns as suas vivências. Daí a importância de buscar pela sensibilização sobre as temáticas ambientais, abrindo uma roda de conversa sobre os conhecimentos prévios que estes

possuem para então apresentar-se um ponto de vista mais concreto que o docente e outros profissionais possuem, passando um entendimento mais amplo e assimilável por parte dos educandos.

3 | CONCLUSÃO

Ao término do trabalho, constatou-se que envolver escola e questões sociais para se pensar e construir hábitos conscientes e de sustento ao meio ambiente parece ser possível e válido. As crianças mostraram entusiasmo na aquisição de novos conhecimentos e pelos relatos e desenhos conclui-se que houve a sensibilização esperada.

É primordial que os alunos em idade de formação, como o público desse trabalho, tenham acesso às problemáticas atuais que circundam as esferas ambiental, econômica e social. Conhecimento e sensibilização são peças chave para que esses alunos possam se tornar cidadãos conscientes e elaborarem posturas positivas em relação a sustentabilidade. Trabalhar conceitos como o de moral e ética e de como as formações culturais e comportamentais da sociedade variam, é de suma importância para amplificar a percepção dos alunos de como eles estão inseridos na sociedade e qual abstração seguir, para uma autonomia de suas ações perante a sociedade e das relações com o meio ambiente.

Portanto, trabalhos com esse perfil mostram que trabalhar com educação ambiental/sustentabilidade é algo que está ao alcance dos professores pela versatilidade de ferramentas e abordagens existentes para isso.

REFERÊNCIAS

COIMBRA, A. S. **Interdisciplinaridade e educação ambiental: integrando seus princípios necessários**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient., v. 14, p. 1-11, 2005.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRIEDMANN, A *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Scritta: Abrinq, 1992.

GOMES, A. M. R. **Aprender a cultura**. In: GUTIERREZ, A.; LOUREIRO, H.; FIGUEIREDO, B. *Cultura e Educação: parceria que faz história*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007. p. 29-43.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, 2003.

LA TAILLE, Y. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LIPAI, E. M.; LAYRARGUES, P. P.; PEDRO, V. V. **Educação ambiental na escola: tá na lei**. In: *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola* [Coord.: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

PIAGET, J. **A psicologia da inteligência**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2013.

SCHLICHTA, C. A. B. D. **Arte e educação: há um lugar para a arte no ensino médio?** Curitiba: Aymarã, 2009.

SORRENTINO, M.; MENDONÇA, R. T. P; FERRARO-JÚNIOR, R. A. **Educação ambiental como política pública**. *Educ. Pesq.*, v. 31, n. 2, p. 285-299, 2005.

TEIXEIRA, C.; TORALES, M. A. **A questão ambiental e a formação de professores para a educação básica: um olhar sobre as licenciaturas**. *Educ. Rev.*, Edição Especial n. 3/2014, p. 127-144, 2014.

TORALES, M. A. **A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores: da ação escolar à ação educativo-comunitária como compromisso político-pedagógico**. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, v. especial, p. 1-17, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

